

# *Plano tem apoio e é visto com muita esperança*

**Ulysses** — O deputado Ulysses Guimarães, presidente do PMDB, concorda, em princípio, com as proposições contidas no Plano Brady, de perdão parcial da dívida externa dos países da América Latina, embora ressalvando que não a conhece profundamente. "Ainda não tomei conhecimento nem li a íntegra da proposta, mas é saudável que os credores modifiquem a sua visão quanto a este problema. Para começar a conversar, está muito bom", afirmou. Lembrando uma conversa recente que teve com o primeiro-ministro da França, Michel Rocard, Ulysses destacou que a negociação política da dívida já é uma "visão corrente" em todo o mundo, inclusive junto aos credores.

**Brizola** — Para o ex-governador Leonel Brizola, a proposta de redução da dívida externa "é uma iniciativa a ser saudada com esperança. Não queremos caridade, perdão ou favores; só justiça. Uma vez que a cobrança dos juros, da forma como está sendo feita no Brasil, é a quebra unilateral das regras do jogo, tornando a dívida impagável." Lembrando que em setembro do ano passado o Brasil pagou as últimas parcelas da dívida que Getúlio Vargas encontrou em 1930, Brizola acha que a solução para o problema é simples: "É só dividir o principal em 30 anos que sairemos desse buraco".

**Covas** — O senador Mário Covas (PSDB-SP) recebeu como uma boa notícia o discurso de Brady. "Vi o pronunciamento como um avanço muito importante nas discussões sobre a dívida", embora ponderando que "ainda teremos muito o que conquistar; temos muito caminho pela frente." Para Covas, o novo plano americano para a dívida externa significa uma margem maior de negociação entre países endividados e países credores; uma atitude que, conforme observou, faz parte do programa de governo de seu partido. O parlamentar tucano registrou que os graves conflitos ocorridos na Venezuela há uma semana foram o sinal de alarme para a difícil situação dos países devedores.

**Collor** — O governador de Alagoas, Fernando Collor, considerou "um avanço considerável" a proposta do secretário do Tesouro dos Estados Unidos Nicholas Brady. Reunido com pequenos e médios empresários fluminenses, Collor destacou que "a dívida externa da América Latina, pelo valor de mercado, deve ser estimada em 28% de seu valor nominal". Para ele, a preocupação dos Estados Unidos com a falência da América Latina não podia demorar mais porque "a grandeza da democracia das grandes potências não deve ser assentada em cima da pobreza de muitos".